

Itinerários de perigos, experiências de trabalho: impasses da juventude¹

Danger routes, work experiences: impasses of youth

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves
Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá
ricardo.goncalves@ueg.br

Alex Tristão de Santana
Instituto Federal Goiano – Campus Trindade
santanageoufg@gmail.com

Resumo

As reflexões desenvolvidas neste artigo não têm a pretensão de discernir os sentidos conceituais e os seus ancoradouros teóricos sobre juventude. Tratar-se-á apenas de demonstrar que a análise da juventude contemporânea requisita uma imersão na estrutura, nos conflitos e nos perigos concernentes ao chamado capitalismo de acumulação financeirizada. Isso impõe saber que determinados conflitos são de uma ordem totalizante, por isso acometem crianças, adultos, pessoas envelhecidas. O método se coloca como premissa: a juventude é uma categoria histórica. Para o encaminhamento das investigações, contar-se-á com pesquisas realizadas em torno de duas décadas enfocando o temário em questão; e também a militância em grupos jovens; e o contato com representantes de jovens na organização de Conferências da Juventude em Goiás.

Palavras-Chave: Juventude. Representações. Trabalho.

Abstract

The reflections developed in this article do not pretend to discern the conceptual meanings and their theoretical anchorages about youth. It will only be to demonstrate that the analysis of the contemporary youth demands an immersion in the structure, the conflicts and the dangers concerning the so-called capitalism of financialized accumulation. This implies knowing that certain conflicts are of a totalizing order, so they affect children, adults, aged people. The method is premised: youth is a historical category. To conduct the investigations, there will be research conducted around two

¹ O artigo conta com resultados do diálogo com pesquisadores, militantes e jovens no âmbito da Conferência Estadual da Juventude em Goiás. Agradecemos ao Professor Eguimar Felício Chaveiro, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, pelo apoio e colaboração com os pressupostos, escrita e leitura deste texto.

decades focusing on the agenda in question; And also militancy in young groups; And contact with youth representatives in the organization of Youth Conferences in Goiás.

Keywords: Youth. Representations. Work.

Introdução

A juventude brasileira é uma realidade heterogênea: são grupos skatistas, de motociclistas, de trabalhadores informais das grandes metrópoles; são mães adolescentes; trabalhadores rurais que se ausentam da escola em função do corte de cana. Ademais, há roqueiros; gente do *funk*, do *hip-hop*; capoeiristas; religiosos; membros do MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Há os signatários de religiosidades e os moradores das cracolândias. A própria juventude batiza os grupos com ironia, pastiche, conflito. Pode-se nomear “os noiados”; “as patricinhas”; “os mauricinhos”, “as *barbies*”; “os *nerds*”; “os pegadores” e tantas outras nomeações.

A heterogeneidade é tão grande que leva alguns autores, como, por exemplo, Takeuti (2004) a dizer que uma das principais características da juventude contemporânea é a sua fragmentação. Isso quer dizer: expostos a um regime de frangalhos, os jovens têm dificuldades de criar propósitos e leituras comuns, daí pode-se ouvir: “a juventude é recente, mas já acabou”. Ou então palpitar, pela leitura acadêmica, que não se deve tratar a juventude apenas pela fragmentação, mas pelos signos que costura as suas identidades.

Poder-se-ia então fazer referências identificadoras, tais como “geração canguru”, “geração NEM”; “geração Z”. Ou operar uma diferenciação conceitual dos termos “jovem”, “juventude”, “cultura juvenil”, “jovial”, “juvenilização do mundo”. No campo político, as identificações ganham cursos determinados, tais como “juventude trabalhadora”, “juventude negra”, “juventude burguesa”.

As reflexões que seguem não têm a pretensão de discernir os sentidos conceituais e os seus ancoradouros teóricos. Tratar-se-á apenas de demonstrar que a análise da juventude contemporânea requisita uma imersão na estrutura, nos conflitos e nos perigos concernentes ao chamado capitalismo de acumulação financeirizada. Isso impõe saber que determinados conflitos são de uma ordem totalizante, por isso acometem crianças, adultos, pessoas envelhecidas. O método se coloca como premissa: a juventude é uma categoria histórica.

Contudo, ao analisar as experiências do trabalho ver-se-á que há uma singularidade na condição histórica de ser jovem hoje. Em função disso problematizar-se-á: quais são os itinerários sociais da juventude brasileira contemporânea?

Para o encaminhamento das reflexões, contar-se-á com pesquisas realizadas em torno de duas décadas enfocando o temário em questão; e também a militância em grupos jovens; o contato com representantes de jovens na organização de Conferência da Juventude em Goiás.

As trajetórias sociais da juventude contemporânea: o jogo das representações

O debate em torno do desejo de saber quem é o jovem, o que é a juventude e como ela se delinea socialmente, certamente requer interrogar: qual é o mundo do qual emerge o jovem? Como a juventude age neste mundo?

Para sair de uma visão comparativista, isto é, a de interpretar a juventude atual comparando-a à do passado, convém elucidar que a juventude é categoria política com traços sociais e culturais. Sendo assim, ela se transforma apresentando respostas e conteúdos ativos de acordo com os períodos históricos. Isto é, ela não é passiva, nem vítima do mundo.

Dessa feita, a juventude atual, assim como a do passado, era atravessada pelos conflitos e pelas possibilidades de seu tempo. Conforme assinala Arroyo (2004), a juventude atual é produto, documento e agente de densas trajetórias sociais. Ela escreve o seu conteúdo identitário por meio de grandes transformações sociais. Dentre essas transformações, pode-se sublinhar o reordenamento produtivo do capital e do trabalho; a disseminação das redes moduláveis, o que se convencionou a chamar de turbocapitalismo; o reordenamento geopolítico com força, por exemplo, do narcotráfico; a expansão do mercado e de sua linguagem baseada no *marketing*, na publicidade e na propaganda.

Isso tudo desdobrou-se numa multiplicidade de condições, situações e eventos que desafiam não apenas a juventude, mas todos os trabalhadores, como o problema do desemprego estrutural; o dilúvio da informação e da imagem; as chamadas novas doenças da alma e o atropelo da subjetividade; as redes de narcotráficos e a formação do drogadito; a militarização da existência; o crescimento do mercado informal de trabalho; a precarização e competição no trabalho; a emergência da sociabilidade envenenada; a violência urbana.

De tal modo que as densas trajetórias sociais da juventude criaram itinerários de perigos, ao mesmo tempo que permitiram aos jovens maior autonomia do corpo; mais

capacidade de se locomover; rapidez para organizar-se; quebra de fronteira cultural com o mundo dos pais; possibilidades para acessar informações; intercambiar, criar linhas de fugas e de sedimentar a sua espiritualidade na arte, nas crenças e nas ideologias.

Fruto das trajetórias sociais da juventude contemporânea surge um jogo de representações em que se vê o olhar negativo das instituições celibatárias miradas aos jovens. Instituições como as entidades religiosas; o mercado; o Estado e a escola, por exemplo, se vêem estranhados diante de um jovem representado como indócil, surpreendente, indisciplinado. Diante disso, armam estratégias de cooptação, de controle e de apoderamento da sua energia, do seu desejo e de seus projetos.

Por outro lado, há a perplexidade do jovem e da juventude ao enxergarem, com a sua cultura – e com o seu lugar no mundo - as instituições hegemônicas. Os jovens também se estranham, criam rotas de saídas, golpeiam o seu regime de controle e de disciplinamento. Em muitos casos, zombam ou perdem-se em seus labirintos.

Ademais, a representação que o jovem faz de si baseia-se na representação que recebe e do modo como vê o mundo. No jogo das representações são convidados a serem belos, fortes, sedutores, corajosos, disciplinados, consumidores e recebem a pecha de indolentes, debochados, detratores das ordens. No pando de fundo está a costura da ideologia hedonista, narcísica e de sujeito inquebrantável. Além disso, crescem os clamores para se qualificar, preparar para a competição do emprego, num mundo em que as condições para isso são precárias. Cresce a ideologia da eterna juventude como se fosse vergonhoso envelhecer. Essa ideologia gera a infantilização dos adultos, e a adultização dos adolescentes, criando o fenômeno dos *adultescentes*.

Ao entrevistar um jovem universitário mirando esta situação, Ele adverte: “*Cara a gente fica pirado, é muita pressão: neguim tem que estudar, ser o melhor, a galera chama a gente para isso, aquilo. Se não sabe inglês se ferrou; tem que ter o celular, pegar as mina. Uma jovem universitária explica que “a mulher tá frita, veio é muito preconceito, a mulher é cobrada demais, tem que ser bonita, mas bonita até quando?*”

Ao falar de sua trajetória ligada à família, um jovem trabalhador informal revela:

O meu pai batalha, ganha muito pouco. A minha mãe ajuda e todo mundo lá em casa tem que ajudar. Tem que pagar tudo: aluguel, água, energia, ônibus, o diabo a quatro. O meu pai era lavrador, a minha mãe vem do campo também. Chegou um tempo que não dava, eles não queriam que nós

tivéssemos a vida deles na roça, viemos para Goiânia. Não sei se aqui é melhor ou pior... É difícil para o meu pai entendê nós, parece que Ele ainda não se adaptou. Ele tem uma moral diferente da nossa. Ele é sistemático, bravo. Mas nós...eu falo para o meu pai que o mundo mudou. Nem os instrumento de trabalho dele existe mais...A vida nossa é ferrada...Eu tenho um irmão que dá trabalho: o cara se meteu em encrenca, vive com os maluco, a minha mãe chora muito. O meu pai faz de durão. A minha mãe reza, pede a Deus. É barra pesada.

A fala do jovem escala um conjunto de conteúdos advindos das densas trajetórias sociais, exemplificados na mercantilização da vida; na mudança do modo de vida rural para o urbano; no conflito de geração; no processo migratório; na drogadição. Poder-se-ia acrescentar: a juventude instaura o seu tempo de vida numa transe histórica que lhes acometem de conflitos e lhes colocam várias possibilidades de formação, intercâmbio, parceria.

Da Silva (2015, p. 50) analisa o processo dessa maneira:

Dois fatores ligados ao processo de globalização da economia se destacam como determinantes para a nova forma de agir da juventude na década de 1980: atuação dos meios de comunicação de massa que, em função do avanço tecnológico, alcança um número cada vez maior de pessoas e atua de forma mais eficiente no processo de alienação; e a necessidade, por parte do capital, de ampliação do mercado consumidor, que enxerga na juventude um público potencial.

Os dois processos estão na base da constituição da juventude atual que é múltipla, fragmentada e corresponde ao jogo de tensão das representações. Além deles há elementos que possibilitam o fortalecimento da interpretação.

Assim, considerada pela sua relação com o presente, a experiência da juventude comporta uma inegável componente espacial, de modo que podemos dizer que sem espaço não há juventude, pois sem os grupos de pares e seus encontros, não se realiza a “pulsão gregária” que é definidora desta fase de vida, onde se elabora e se exercita uma cultura juvenil distinta da cultura da geração anterior, em que jovens reunidos podem elaborar as questões existenciais que lhes afligem no presente. Em outras palavras, a juventude, para poder existir, precisa ser praticada entre jovens, o que inclui práticas de espaço. Com isto, defendemos que, para além destas críticas à ideia de moratória, é preciso conhecer sua força para a definição que estamos elaborando aqui, na medida em que incorpora a ideia de que a juventude é uma experiência, que precisa ser vivida com os outros, uma experiência formativa dos

sujeitos e que faz dos/as jovens reais produtores de seus espaços de interação (NETO 2015, p. 128/129).

A contribuição do pesquisador, poder-se-ia alongar ao preconizar que a juventude pode ser analisada por meio de várias escalas espaciais, como, por exemplo, a juventude metropolitana; juventude rural; juventude de países ricos; juventude da periferia. E, junto a isso, determinar componentes culturais, simbólicos e subjetivos. Veja a narrativa de militante de grupo jovem:

O jovem tem muita energia, tem que gastar a energia. Nós queremos que gaste com projetos de mudança social. Mas não é fácil, não: eles são presas da moda, do mercado, de igrejas, de escola. A cabeça da juventude atual...é difícil, cara, tem droga, muita bebida, muito auê, tem uma cultura da malandragem instalada, né? Mas muitos estudam, pegam firme, tem uns cara de cabeça boa, os cara tão prontos para pegá...você não viu o movimento pela mobilização?

Ao falar do campo cultural, simbólico e da construção da subjetividade, Takeuti (2004) chama atenção para o que ela denomina de “referências simbólicas vulneráveis”. Isso quer dizer que o jovem é objeto de símbolos vulneráveis como o da fama, do sucesso, da força sexual, da competição e da ética cínica. Alguns autores montam as suas análises avaliando que o jovem contemporâneo não tem pai, pois simbolicamente houve o parricídio. Ou seja: o mundo mental do jovem é feito a partir das grandes máquinas produtoras de ideologia, como a mídia, a propaganda, o consumo e a inserção no mundo do trabalho.

Em suas trajetórias e múltiplas representações, a juventude é chamada a se preparar e a se inserir no mundo do trabalho. Afrontada pela impossibilidade de exercer uma vida laboral ativa, o jovem enfrenta diferentes dilemas e depara-se com um mundo de perigo. Este assunto perpassa as preocupações a seguir.

Itinerário de perigo: a relação da juventude com o mundo do trabalho

A relação entre juventude e trabalho configura-se no objeto central deste *item*, resultado de reflexões teóricas, pesquisa em fontes secundárias, entrevistas com jovens e a participação dos pesquisadores na Conferência da Juventude em Goiânia. Nestas experiências

as densas trajetórias espaciais dos jovens foi objeto de reflexão. Procedendo assim, refletiu-se o papel central que o trabalho desempenha nos itinerários de existência da juventude contemporânea.

Ao perguntar a alguns jovens sobre o que planejam para o futuro, foi predominante a ênfase em argumentos como: “fazer faculdade”; “crescer profissionalmente”; “ter bom emprego”; “passar em concurso público”; “ter autonomia financeira”. Esses aspectos permearam as narrativas acerca do emprego, investimento na qualificação profissional por meio dos estudos e as expectativas de ascensão social. Além disso, o contato com jovens militantes no contexto da Conferência da Juventude em Goiânia anunciou outras preocupações, que envolvem: os direitos humanos dos trabalhadores, a informalidade, a terceirização e as estratégias do capital para extrair mais-valia da força de trabalho juvenil, a exemplo do programa *menor aprendiz*, que antecipa a entrada do jovem no mercado de trabalho.

Por conseguinte, o contato com sujeitos que compõem a heterogênea juventude goianiense fomentou o interesse em aprofundar as investigações da relação desta categoria (a juventude) com o mundo do trabalho. Assim, essa preocupação está escalada com a preocupação analítica diante do mundo do trabalho contemporâneo e o cenário de informalidade, precarização, superexploração e fragmentação em que o emprego está inserido, no qual os jovens participam a partir de diferentes modos de inserção – seja enquanto estagiários, trabalho voluntário, terceirizado, contrato temporário, informalidade, subemprego, trabalho escravo etc.

Para Antunes (2014, p. 1),

O capitalismo exige empregos flexíveis e virtuais. As formas atuais de valorização do capital trazem embutidos novos modos de geração da mais valia (quer sob a forma absoluta e/ou relativa), ao mesmo tempo em que expulsam da produção uma infinidade de trabalhos que se tornam sobrantes, descartáveis e cuja função passa a ser a de expandir o bolsão de desempregados, deprimindo ainda mais a remuneração da força de trabalho, pela via da retração do valor necessário à sobrevivência dos trabalhadores e das trabalhadoras.

Diante desta conjuntura, que é global, evidencia-se a relação entre juventude e trabalho. Conforme relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT), a taxa

contemporânea de desemprego atinge mais de 73 milhões de jovens. Em algumas regiões do mundo, como Somalilândia, na África, o desemprego que aflige a população jovem é um dos maiores do mundo, chegando a 60 e 70% dos jovens. Além disso, o relatório ainda destaca que nos países onde os salários são menores, aproximadamente 31% dos jovens não possuem nenhuma qualificação.

Esta realidade também acomete os países ricos. Como demonstrado por Antunes (2014), na Europa, por exemplo, a desregulamentação da legislação trabalhista aprofunda a flexibilização, a terceirização e a precarização do trabalho. Os jovens de 18 a 23 anos estão sem perspectiva de emprego e inclusive se desestimulam de estudar, pois seus pais com curso superior e até pós-graduação estão desempregados ou inseridos em empregos precarizados. Além disso, destaca o autor, o proletariado europeu é jovem e precarizado, e sua maior parte está trabalhando na área de serviços.

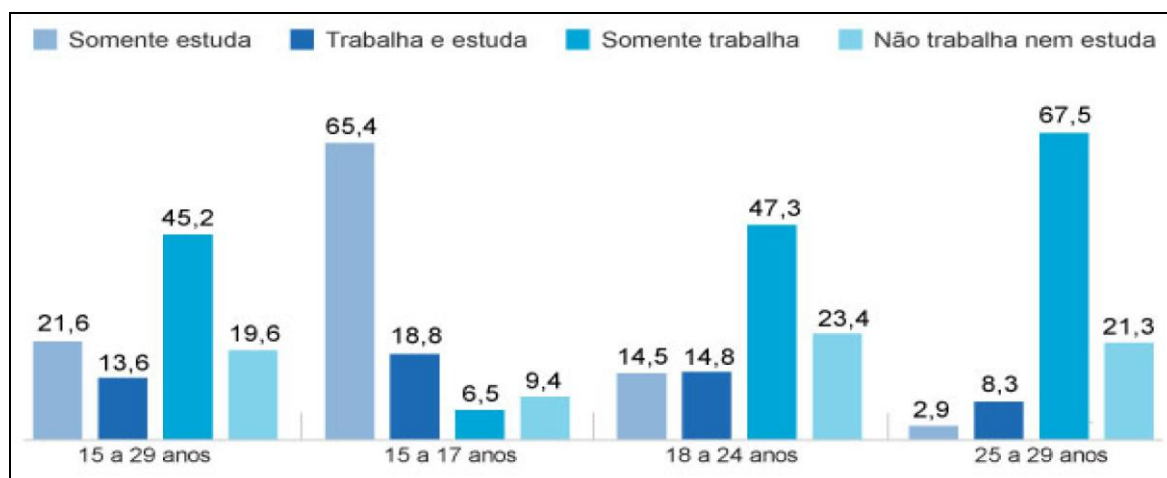
No caso do Brasil, afirma Antunes (2014, p. 1)

[...] com a mercadorização dos serviços públicos como educação, saúde, transporte e lazer, a juventude que compõe o proletariado de serviço é extremamente sacrificada. Ela mora longe do trabalho e leva cerca de seis horas de ida e volta. Ganha pouco num trabalho precarizado, nos milhões de postos de trabalho em *callcenter* e tem que pagar uma faculdade estragada que não irá lhe acrescentar muita coisa em termo de qualificação. A grande massa é superexplorada e submetida a uma rotatividade extremamente elevada, principalmente entre os trabalhadores da limpeza que em muitas situações não podem nem conversar entre si.

Conforme dados do IBGE (2012), com base na Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD), o número de jovens entre 15 e 29 anos que não estuda nem trabalha são de aproximadamente 9,6 milhões, ou seja, 19,6% da população brasileira nesta faixa etária. Este é um retrato dos impactos do capitalismo financeirizado na juventude: assolados pelo desemprego estrutural, os jovens não conseguem inserção no mundo do trabalho; atravessados pelo consumo imediatista e pelas máquinas produtoras do desejo, os jovens encontram as chamadas “linhas de fuga”, não enxergam na educação a possibilidade de transformação social e de suas próprias vidas.

Além disso, as atividades dos jovens entre 15 e 29 anos apresentam percentuais multifacetados, conforme os grupos por idade. (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Atividade dos jovens de 15 a 29 anos – em %, por grupo de idade.



Fonte: IBGE, Pnad, 2012.

Organização: Andrade (2013, p. 1).

A observação detida do gráfico 1 permite apreender outros elementos: entre os jovens de 15 e 29 anos, **45,2% somente trabalham** (sendo ilustrativo os índices de 67,5% entre os jovens de 25 a 29 anos, e 47,3% entre aqueles de 18 a 24 anos), **13,6% trabalham e estudam**, e **21,6% somente estudam** (esse índice eleva-se para 65,4% na faixa etária entre 15 a 17 anos, enquanto representa apenas 2,9% entre a faixa etária de 25 a 29 anos).

Os dados permitem refletir e problematizar a realidade concreta dos territórios de existência e trabalho dos jovens. Interpretados pelo viés da luta de classes, os números mostram que: parte da juventude é jogada antecipadamente no mundo do trabalho, certamente para auxiliar financeiramente suas famílias; outro grupo se esforça para não desistir dos estudos, trabalham e continuam frequentando a escola ou a universidade, com foco nos melhores empregos e salários, capazes de proporcionar uma vida menos sofrida; e uma parcela dedica-se integralmente aos estudos, financiada pelos pais, o que lhes renderam as melhores colocações no mercado de trabalho. Dessa forma, imprimisse-se uma nova estratificação social entre a juventude.

Considerando a perspectiva interescolar destas análises e observando as cifras de desemprego em Goiás em contexto de crise econômica, percebe-se que os jovens estão no centro dos impactos sociais e econômicos deste processo. Segundo dados de pesquisa sobre desemprego em Goiás realizada pelo Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (IMB) e publica em matéria do Jornal O Popular (2017), o percentual de desempregados no estado saltou de 4,9% entre o terceiro trimestre de 2012 para 10,5% no

terceiro trimestre de 2016. Nesta conjuntura, o percentual de jovens sem emprego aumentou significativamente (Tabela 1).

Tabela 1: Percentual de jovens desempregados em Goiás (2014-2016).

Faixa Etária/Período	2014	2015	2016
14 a 17 anos	21,3	25,3	40,6
18 a 24 anos	10,4	13,3	22,0
Todas as idades	5,1	7,2	10,5

Fonte: O Popular (2017).

Org.: R. J. de A. F. Gonçalves (2017)

Verifica-se, conforme a tabela 1, que entre a faixa etária de 14 a 17 anos, onde estão inseridos grande parte dos jovens que buscam o primeiro emprego, o percentual de desempregados praticamente duplicou entre o período analisado. Do mesmo modo, entre aqueles com idade de 18 a 24 anos as taxas de desocupação subiram de 10,4%, em 2014, para 22%, em 2016. Aliado a estas constatações estatísticas de viés econômico, acrescenta-se a perspectiva estrutural da sociedade de classes: nela a juventude pobre enfrenta a desigualdade, o desemprego e o esgarçamento da vida; é lançada a condições precárias de existência, sem acesso ao trabalho-emprego, mas, também a políticas públicas voltadas para o esporte, lazer, arte, saúde e educação.

A educação é central no conjunto destas investigações, considerando que na mesma pesquisa publicada no O Popular (2017) acerca do tema em Goiás, foi revelado que as taxas de desemprego são maiores entre os trabalhadores de escolaridade incompleta. Entre 2014 e 2016 o percentual da força de trabalho desempregada no estado cresceu 156% entre as pessoas com Ensino Médio incompleto e 155% entre aqueles com Ensino Fundamental incompleto. (O POPULAR, 2017)

Uma breve análise sobre a relação entre juventude e trabalho dialoga com uma reflexão central, qual seja: enquanto o trabalho é compreendido como fundamento da vida, condição ontológica do ser social, por outro lado e contraditoriamente, as situações de emprego e/ou desemprego entre os jovens são atravessadas por situações concretas de precariedade e exploração. Isto rompe com a perspectiva do trabalho enquanto fundamento de humanização do homem e de promoção da liberdade, para se transformar em fonte de alienação entre os jovens.

No centro destas observações, defende-se o fortalecimento da consciência de classe da juventude trabalhadora, ou da juventude sem emprego, enquanto um *fazer-se* permanente (THOMPSON, 1987), a exemplo da organização destes sujeitos no interior dos movimentos sociais (incluindo os movimentos estudantis dentro e fora das escolas, universidades etc.).

Compreende-se o trabalho humano como princípio fundamental do exercício da liberdade e inserção ativa dos jovens na sociedade, mirando condições dignas da vida em todas suas dimensões e territórios – seja no campo ou na cidade. A inclusão do jovem no mundo do trabalho configura-se como um importante mecanismo de comunicação com a sociedade e com o mundo. Oferece oportunidades para se confrontar com o novo e intensificar habilidades produtivas, mas, também intervir de maneira consciente e crítica na sociedade, potenciando as possibilidades concretas de transformá-la, partindo do seu próprio cotidiano de vida e trabalho.

É também por intermédio do trabalho que os homens e mulheres se lançam ao mundo para transformá-lo. E se isso é possível, contrapondo a alienação, a dimensão libertadora do trabalho ocupa papel central nas pesquisas sobre os jovens e as relações de trabalho-emprego. Esse aspecto não minimiza o sentido da luta de classes, pois, as dimensões explicativas que abrangem categorias como juventude, gêneros ou identidade, se dão por dentro da realidade empírica dos conflitos de classe no capitalismo manipulatório. (ALVES, 2010).

Com base na centralidade do trabalho pela leitura geográfica clarifica-se o processo de (re)ordenamento do espaço e da ação humana que incide sobre ele. Essa maneira de organizar o pensamento mirando a leitura geográfica anuncia a produção dos territórios, que por sua vez, não exime a escala dos conflitos que palmilham o mundo. Por isso, a análise dos territórios e territorialidades a partir do trabalho ajuda a compreender a complexidade do espaço social, e nele identificar os sujeitos e suas lutas, seus sonhos e projetos, como aqueles da juventude de Goiás, do Brasil e dos outros países, resguardando suas trajetórias e especificidades.

Estas considerações ainda lançam luz às transformações no mundo do trabalho em marcha nas últimas décadas do século XX e limiar do século XXI. Segundo Mendonça (2004), os efeitos das mudanças vivenciadas pelo modo de produção capitalista nas últimas décadas impactam os direitos dos trabalhadores e as organizações sindicais e intensifica a necessidade de novas conquistas sociais e jurídicas. Por isso, ao trazer para o debate a

inserção dos jovens na sociedade do trabalho, não se pode perder de vista o exercício dos direitos trabalhistas enquanto condição de conquista de direitos humanos no lume da reprodução social da existência com dignidade.

Abordar as metamorfoses no campo das relações de trabalho e produção contemporâneas é uma tarefa que envolve sistemática contextualização com a nova conjuntura econômica, técnica e tecnológica, política, cultural e social, munidas pelas forças que regulam o capitalismo predatório, que aciona uma verdadeira ofensiva sobre o trabalho e os trabalhadores, incluindo os jovens. Perceber ainda as fraturas que estão postas no tecido social do trabalho (THOMAZ JÚNIOR, 2009), diante da reestruturação produtiva, precarização no campo e na cidade, mundialização da mais-valia, assim como as diferentes formas de explicitação do ser social que trabalha, (como assalariado, autônomo, terceirizado, domiciliar, informal, precarizado e cooperado).

Com efeito, é nesta conjuntura de transformações globais do trabalho que os jovens estão também inseridos, lutando por direitos, emprego e oportunidades de exercer seus potenciais produtivos, de criatividade, intervenção e transformação. Por outro lado, enfrentam os dramas cotidianos da xenofobia (o caso dos jovens migrantes e trabalhadores, como os haitianos no Brasil), desemprego, acesso precário a educação, saúde, transporte público e lazer.

Diante desse processo e ao confrontá-lo, considera-se as preocupações e reflexões construídas no conjunto das pesquisas em *Geografia do Trabalho*. Munido de referenciais teóricos e metodológicos, pode-se compreender com profundidade o mundo do trabalho, assim como os distintos sujeitos e os espaços onde vivem e trabalham. Além disso, mediados por essa compreensão, fortalece-se a leitura sobre a juventude e a sua inserção no mundo do trabalho. Mas, sem hesitar da crítica ao trabalho precarizado, feito sem prazer e subjugado a uma ordem estranha que aliena em vez de libertar as forças criativas da juventude e construir sentido para a vida e a participação social.

Considerações finais

O conjunto de pesquisas, trabalhos de campo, contatos com militantes e o diálogo em torno da organização de conferências da Juventude, em parceria com a Universidade, com a secretaria de Educação do Estado de Goiás e com os movimentos sociais da juventude,

possibilitou pensar a juventude contemporânea. E ainda nos despertou para os conflitos, as contradições e as possibilidades do atual jovem em relação direta com o mundo no qual constrói a sua vida.

Percebeu-se que há um jogo complexo de representações que põe em cena o modo como as instituições hegemônicas vêm os jovens; a maneira que os jovens vêm as instituições e a representação que o jovem faz de si mesmo. Essas representações repercutem na maneira que o jovem se organiza, luta pelos seus direitos, entrega-se às vicissitudes do consumo, do hedonismo ou de outra prática social e cultural.

Viu-se que o jovem contemporâneo é uma realidade múltipla formado por diferentes agrupamentos. Embora sendo múltiplo e, inclusive, fragmentado, a cultura juvenil, muitas vezes manietada pela ideologia da eterna juventude, tenta unificá-lo em torno de sua potência consumidora. Contudo, há resistências, linhas de fuga, consciência de seu lugar no mundo.

Um dos enfrentamentos centrais diz respeito às mudanças do mundo do trabalho que se aglutina às novas características da sociabilidade e do processo de expansão do capital, de tal maneira que o jovem e a juventude se formam por meio de densas trajetórias sociais. Esta categoria histórica de tons político se vê num cruzamento em que, de um lado, vê-se que a luta pela sobrevivência torna-se cada vez mais difícil, especialmente da juventude trabalhadora. Do outro lado, possui mais autonomia com o próprio corpo, para enunciar a sua linguagem, para intercambiar, inventar formas de relacionar, amar, conviver.

Ao colocar assim, percebe-se que luta e a organização juvenil não escapam de enfrentar os meios que os aliena e que ao mesmo tempo lhes rendem um escopo simbólico vulnerável baseado em atitudes hedonistas e narcísicas como a esteticomania. No enfrentamento simbólico – e na esteira de uma luta social ampla – não é possível isolar-se numa prisão identitária. Cabe-lhes unir aos adultos, idosos e a todos grupos que almejam uma vida conduzida pela integridade ética, pelo compartilhamento, pelo respeito e pela dignidade.

No interior do artigo chamou-se impasses da juventude a consciência de uma contradição: os itinerários sociais, simbólicos e culturais da juventude contemporânea podem ser perigosos. Contudo, no circuito dos fluxos e das redes moduláveis, aumenta-se a capacidade de organizar, de comunicar, de trocar experiências e de apreender a totalidade do mundo.

Referências

ALVES, G. **Trabalho, subjetividade e capitalismo manipulatório - O novo metabolismo social do trabalho e a precarização do homem que trabalha**. 2010. Disponível em: http://www.giovannialves.org/Artigo_GIOVANNI%20ALVES_2010.pdf. Acesso em: 23 de Agosto de 2015.

ANDRADE, H de. **IBGE: um quinto dos jovens no Brasil é "nem-nem", que não estuda nem trabalha**. 2013. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/11/29/um-em-cada-cinco-jovens-de-15-a-29-anos-nao-estuda-nem-trabalha-diz-ibge.htm>. Acesso em: 23 de Agosto de 2015.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2º ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. **O novo proletariado é a base dos protestos da juventude**. 2014. Disponível em: <http://www.anovademocracia.com.br/no-129/5323-o-novo-proletariado-e-a-base-dos-protestos-da-juventude>. Acesso em: 23 de Agosto de 2015.

_____. **Século XXI: Nova era da precarização estrutural do trabalho?** 2008. Disponível em: <http://www.fundacentro.gov.br/dominios/CTN/anexos/Mesa%201%20%20Ricardo%20Antunes%20texto.pdf>. Acesso em: 20 set. 2010.

ARROYO, Miguel. **Imagens Quebradas – trajetórias e tempos de alunos e mestres**, Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 2004.

CAVALCANTI, L. de S. Uma geografia da cidade – elementos da produção do espaço urbano, In: _____. **Geografia da Cidade**, Goiânia: editora Alternativa, pg. 13-32, 2001.

DA SILVA, M. P. Juventudes e a escola atual: tensões e conflitos no “encontro de culturas”. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia-MG, 2015 P 46-59.

ENGELS, F. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, R. (Org.). **A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p.11-28.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 32, p. 1-134, 2012.

KEHL, M. R. A Juventude Como Sintoma de Cultura. In: NOVAES, R. ; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

MACHADO, L. D. **Subjetividades contemporâneas, Psicologia** – Questões contemporâneas, Vitória (ES) – Eduff, pg, 3-22, 1999.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 27 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura do capital e do trabalho no capital do Sudoeste goiano**. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia- UNESP - Presidente Prudente – SP, 2004

NETO, N. T. Definir juventude como ato político: na confluência entre orientações do tempo, idade e espaço. In: CHAVEIRO, E. F.; CAVALCANTI L. de S.; PIRES, L. M. (Orgs). **A Cidade e seus Jovens**. Goiânia: PUC, 2015, 119-136

OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. Estéticas juvenis: intervenções nos corpos e na metrópole, In: **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo: Vol 4, n9 p.43-94, 2007.

O POPULAR. **Crise deixa primeiro emprego mais difícil**. Goiânia, Ano 78, N.23.051, 11 de Fevereiro, 2017.

PELBART, P. P. **A vertigem por um fio: Políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade - Subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (Org.). **Cultura e subjetividade. Saberes Nômades**. Campinas 1997, p.19-24.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 6.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

TAKEUTI, N. Subjetividades e Vínculos Sociais, in. SOUSA, I. M. (Org.) **Café Filosófico: Filosofia, Cultura E Subjetividade**. Natal-RN: Ed. UFRN, p. 262-273, 2004.

THOMAZ JÚNIOR, A. Por uma Geografia do Trabalho. **Revista Pegada**, Presidente Prudente (SP), 2002.

_____. A. **Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI: limites explicativos, autocrítica e desafios teóricos**. 2009. 500 f. Tese (livre-docência) – Presidente Prudente, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2009.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 1.

WARNIER, J. P. **A mundialização da cultura**. Bauru-SP: Edusc, 2003

Sobre os autores

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves

Professor do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá. É doutor em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade – PoEMAS/UFJF.

Alex Tristão de Santana

Possui graduação e mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão. Doutorando em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação Goiano (IFGoiano). Tem experiência na área de Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: geografia urbana, geografia dos transportes, geografia regional, geografia do trabalho, educação ambiental e inclusão social.

Artigo Recebido em Setembro de 2016.
Artigo aceito para publicação em Novembro de 2016.